



grande reportagem DN

Ano lectivo. O novo ano começa em Janeiro, mas a grande mudança nas rotinas familiares acontece em Setembro, quando acabam as férias, as escolas abrem portas e as crianças regressam à sala de aula. Para pais e filhos, o tempo é de ansiedade e entusiasmo e muitos têm à sua espera os desafios de um novo ciclo. O DN foi ver como se organizam as famílias neste início de ano lectivo. Matilde e Mariana entraram na creche; João, no primeiro ano; e Nuno, na faculdade. Para os professores, esta pode ser também uma época de mudança radical, nem sempre boa. Como ficar colocado a 200 quilómetros de casa

VIDA NOVA NA 'RENTRÉE' DAS FAMÍLIAS



■ RITA CARVALHO
texto



■ ARLINDO CAMACHO
fotos

Mafalda segura Matilde num braço e Mariana no outro. As gêmeas de sete meses já pesam, e a mãe fica a faltar um braço para acudir ao pedido de Carlota, que, apesar de já vir a pé de casa até à garagem, hoje parece também querer colo. "Podes com as duas? E comigo, não", pergunta, num misto de exclamação e interrogação, a menina de três anos e meio. A mãe responde com um sorriso largo, sem alimentar muito a questão, enquanto apressa a colocação das bebés no carro. Mafalda sabe que este é um momento delicado da nova rotina diária e que uma birra nesta altura é suficiente para desestabilizar o dia todo. Choros, atrasos na saída de casa, trânsito, chegada tardia à escola, ao emprego. E assim sucessivamente.

São quase nove horas mas a manhã de Mafalda e Miguel Gonçalves já começou há, pelo menos, duas horas. Duas horas e meia, se o despertador tivesse toca-

do na hora programada e todos não fossem agora obrigados a uma ginástica horária mais apertada. "Fiquei logo furiosa. Achei que não me ia conseguir despachar a tempo", desabafa a mãe, de 33 anos, ainda a testar os *timings* matinais da nova rotina familiar. Banho, vestir, tomar pequeno-almoço, dar *biberon* à Matilde, à Mariana, tirar Carlota da cama e pô-la em frente ao prato de *Estrelitas* enquanto espreguiça os *Doraemons* do Canal Panda, vesti-la e tratar das duas gêmeas.

Quatro braços são poucos para tanto. E para ainda gerir os contratempos tão típicos de quem ainda nem tem quatro anos e está longe de compreender as pressas de gente crescida. Carlota insiste nas botas de pêlo, mesmo depois de o pai explicar que o Inverno ainda vem longe, e enfeita-se com os brincos de uma boneca enquanto se passeia pela sala. Na hora de escolher o penteado, debate-se entre o gancho e a bandeleite, acabando por optar por uns totós que demoram ainda mais a fazer.

A mana mais velha ainda aproveita o momento do *biberon* de Mariana para a distrair, enchendo-a com mimos que der-

retem o pai. Já na garagem, com duas meninas presas com o cinto, a terceira bolsa ao colo, falhando por pouco a camisa da mãe que escapa, com sorte, a mais um atraso.

A rotina diária desta família faz-se em passo apressado, mas sem choros nem resmunguices. E sempre com boa disposição. No ano passado, a dinâmica até era bem mais simples, só com Carlota. Mas quando de uma filha passaram para três, as rotinas mudaram drasticamente. Ainda mais agora, que chegou a hora de as bebés entrarem na creche, de Carlota voltar à escola e de a mãe retomar a vida profissional.

De manhã, a alvorada antecipou-se, o frenesim é muito maior e, depois de um dia de trabalho, a agitação volta a instalar-se dentro de casa. Banhos, brincadeira, jantar e cama. Muitas vezes, os pais acabam de comer às onze da noite e não tiveram sequer tempo de espreitar as notícias na televisão. A hora de almoço é também aproveitada para fazer compras, tratar de assuntos importantes ou dar um salto a casa, em Carnaxide, para adiantar o jantar. Vive-se

O caos matinal:
como levar
três crianças
à escola, sem
birras e
atrasos?

Família Gonçalves

Pai

Mãe

Carlota, 3 ANOS

Matilde e Mariana,

GÊMEAS DE 7 MESES

QUE ENTRARAM

PARA A CRECHE



O momento
delicado
da rotina
matinal pode
determinar os
atrasos do dia



para a família. Não há lugar nem tempo para mais nada.

"Passar de uma para três é como passar do dia para a noite. Nos primeiros meses, acho que nem sabia bem a quantas andava. Dormir quatro horas era um luxo", diz Miguel, 37 anos, com um sorriso, recordando o desgaste devastador. "Com a Carlota fomos jantar fora, a casa dos amigos, nunca nos privámos de nada", conta, lembrando-se que, na altura, até achava engraçada a possibilidade de poder vir a ter gémeos.

Mafalda, bancária, sempre foi mais pragmática. "Tinha pânico disso. E quando soube que eram gémeos não achei piada nenhuma. Pensava como ia conseguir dividir o amor e o carinho pelas três", recorda, confessando agora que estava enganada e que atenção de mãe e pai chegavam sempre para todos. Contudo, os primeiros meses foram duros e está certa de que se não fosse o apoio da mãe teria tido uma depressão. "Nunca acordavam ao mesmo tempo. Eram os biberões desencontrados. Depois levantava-me para ver se estavam tapadas, a chorar. Era muito difícil...", desabafa. O facto de trabalhar no Banco Privado Português e, de uma polémica ter estalado no final da gravidez, também não ajudou. O futuro profissional passou a ser um enorme ponto de interrogação.

Com a chegada das gémeas as despesas também quase que triplicaram. Só na escola, na alimentação e nas compras essenciais ficam quase mil euros do orçamento mensal.

Hoje de manhã, na garagem, pai e mãe partilham a logística dos ovos, como afirma Miguel, referindo-se à passagem das cadeiras

Família Vaz

Pai

Mãe

Diogo, 3 ANOS

João, 6 ANOS,

ENTROU AGORA

PARA O PRIMEIRO ANO

tantes para prevenir o contágio da gripe A, e deixá-las na sala no mais curto espaço de tempo. E gerir uma birra extraordinária e rara que hoje Carlota resolveu fazer.

A pandemia é uma preocupação adicional neste primeiro ano de creche e para a qual não há, para já, plano de contingência. "Quando apertar um, se calhar ficamos todos em casa..."

O primeiro dia de João na escola

João leva o *Spiderman* na *T-shirt* e uma tartaruga ninja tatuada no braço. Mas nem os super heróis lhe afastam a ansiedade do primeiro dia de aulas, agora que está a sair de casa, mochila às costas, pronto para o novo desafio. "Não sei se vou conseguir fazer tudo sem chorar...", desabafa à mãe, no caminho de carro, ainda antes de chegar ao Centro Alfredo Pinheiro, que frequenta em Cascais. Tal como João Vaz, milhares de crianças com seis anos iniciaram na segunda-feira o primeiro de doze anos de ensino obrigatório. E, apesar da rotina desta família não fugir muito ao esquema do ano passado, o nervosismo do primeiro dia da escola primária contagia criança e pais.

"Ele está com um bocadinho de medo. O João é um miúdo calmo mas está preocupado que a professora ralhe se ele chorar", explica a mãe, levando-o à sala pela mão, depois de terem ido deixar o irmão mais novo à creche. O espaço escolar não é totalmente estranho porque foi aqui que andou no pré-escolar e é no mesmo edifício que há uma semana frequenta o Atelier de Tempos Livres (ATL). Uma forma de atenuar o impacto do primeiro dia, de minimizar a excitação do regresso de férias, e criar maior proximidade com os novos amigos. Na prática, "hoje já é o meu sexto dia de escola", reconhece João, embora consciente de que hoje se vai estreiar na sala do primeiro ciclo.

É aí que, após as actividades de ATL da manhã e do almoço, o aguarda a professora Rita Ferreira, que já conhece de vista e "tem cara de ser simpática". Mais 22 colegas de turma. Carteiras dispostas quatro a quatro, e uma zona de jogos num canto da sala, contrariam o típico cenário de sala primária e ilustram uma forma diferente de ensinar. É o Método Moderno, mais interactivo, e onde se começa por construir e decompor frases e não a soletrar vogais e consoantes.

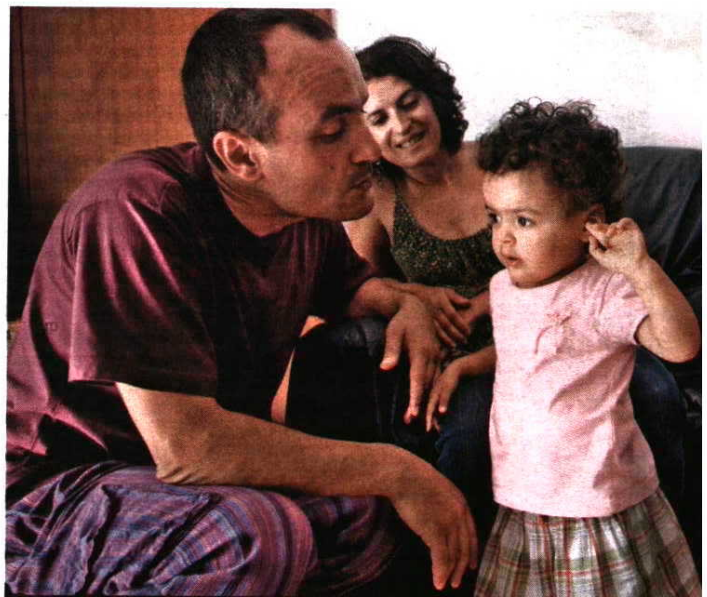
A frase que inaugura o quadro de giz tem a ver com o momento especial que todos estão a viver: "O primeiro dia de aulas está a correr bem", copia João para o caderno preto, acabando de estreiar, enquanto vai cantarolando em surdina e trocando risos com Sofia e Frederica, as duas meninas da sua mesa.

O ambiente é como em todos os primeiros dias de aulas na primária. Confuso. Miúdos em pé,

ansiosos por mostrar à professora o desenho que acabaram de fazer, brincadeiras e ruído de fundo. Na hora do recreio, há quem não entenda as instruções, pegue na mochila e saia da sala, confiante de que o dia já terminou. Ou quem volte atrás porque se perdeu no percurso

so entre a sala e o refeitório. O objectivo passa por transmitir aos novos alunos as regras básicas de funcionamento da sala, explica a professora. Como estar sossegado no lugar, levantar o dedo para pedir a palavra e manter o silêncio.

João é exemplar e não alinha nas maluqueiras dos colegas mais agitados. "Talvez por ter estado numa escola internacional, onde as coisas são mais calmas", estima a mãe, de nacionalidade inglesa. Depois de terminar o desenho, vai para a zona do tapete, um canto onde,

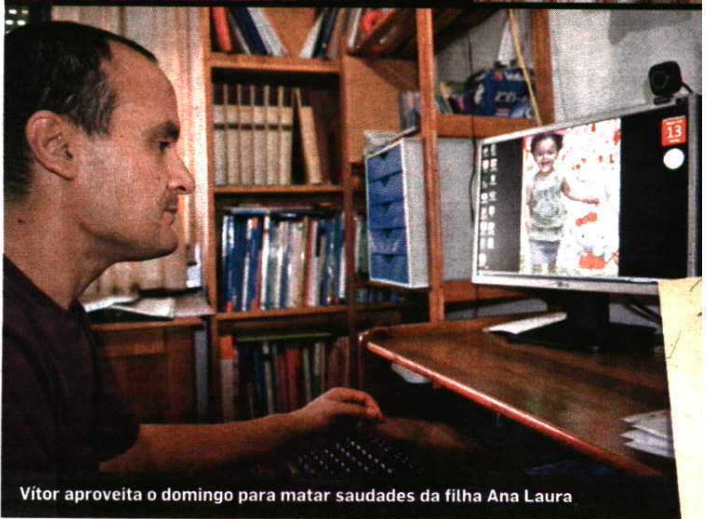


100 mil alunos

frequentavam o primeiro ano do primeiro ciclo, de acordo com os últimos dados, relativos a 2006/2007

de bebé de um carro para o outro e à acomodação das três no banco. Em casa, há até a ajuda da avó, que pega em Matilde, recentemente operada, impedindo-a de deitar tudo à boca. Mas, habitualmente, o transporte matinal cabe apenas a Mafalda e o da tarde ao pai, que tem mais flexibilidade no trabalho na Faculdade de Ciências, em Lisboa.

"Quando vou sozinha, ponho-as no carrinho. Mas quando chover, não sei como vai ser na escola", confessa a mãe. À porta da Obra das Crianças da Freguesia da Lapa, escola em Lisboa onde andam as três, os carros dos pais são deixados em segunda fila. É preciso atravessar na passeadeira com duas ao colo e a outra por perto, passar as mãos pelos desinfec-



Vitor aproveita o domingo para matar saudades da filha Ana Laura



João foi para a escola uma semana antes, onde esteve no ATL a fazer a integração, ao espaço e aos novos amigos. O Dia D foi mesmo na segunda-feira, com a entrada na sala de aula. Foi um dia cansativo, confuso, com alegria e algum nervosismo

250 mil crianças

aproximadamente, estavam em 2006/2007 no ensino pré-escolar, metade no público e metade no privado

de forma interactiva, cada um contará hoje o que fez nas férias. No recreio, as meninas saltam à corda, enquanto os rapazes preferem correr e brincar com uma bola.

Ao final do dia, o cansaço de quem passou o dia todo na escola nem permite corresponder à ansia dos pais que esperam à porta da sala e bombardeiam os filhos com questões e curiosidades. Calhou a Ana fazer as primeiras perguntas, às quais João não dá grande saída. "Escrevi imenso e brinquei com os amigos", limita-se a responder, no caminho até casa.

Mas a rotina desta família varia muito de dia para dia. Mãe e pai trabalham quase sempre em casa e mais da parte da tarde. Ela dá

aulas de inglês ao final do dia e gere um café a partir de casa, da parte da manhã. Ele, músico profissional, trabalha grande parte do tempo no estúdio, em casa, à tarde e à noite. "Temos facilidade em levar e buscar à escola", explica Pedro Vaz, lembrando, contudo, que Diogo, com três anos, só está na creche durante a manhã, o que implica pagar a uma babysitter para tratar dele, pois os dois estão a trabalhar à tarde, ou pedir apoio pontual aos avós. Por exemplo, no ano passado, Ana leva-

va o mais pequeno à escola e João ia de bicicleta com o pai.

"Temos noção de que há casais com rotinas muito mais complicadas", reconhece Ana. Pedro recorda os seus tempos de criança, em que se brincava no bairro com os amigos e havia sempre alguém da família por perto para buscar ou trazer da escola. E diz nem perceber como conseguem fazer algumas famílias, em que pai e mãe trabalham a 30 ou mais quilómetros de casa, em empregos sem horário fixo e sem apoio familiar de retaguarda. "Deve ser uma gestão mesmo muito complicada...."

Já mais descontraído, João reconhece que a parte melhor da escola foi reencontrar os amigos, principalmente Rafael e Manuel, os dois preferidos, de quem está separado no ATL. Na parte da manhã, e nestes momentos mais lúdicos e plásticos, as turmas são divididas ao meio e a cada uma juntam-se meninos do terceiro ano, para fomentar a interação com os mais velhos.

Os pontos menos positivos da escola são, para já, as aulas de inglês, que se ameaçam maçadoras para um miúdo como João, que fala inglês tão fluentemente como português. Bem como os trabalhos de casa, como já confessou aos pais. "Mas eu acho que ele até vai gostar, pois está a precisar de mais estímulo intelectual", considera a mãe, explicando que João começou a aprender a escrever em inglês na antiga escola, num método diferente. Agora será a vez de aperfeiçoar o português e descobrir a matemática.

A vida nova Nuno no superior

Benfiquista e lisboeta. Na primeira abordagem, estas não serão características a divulgar aos futuros conhecidos em terras do Norte, explica Nuno Nascimento, seguindo à risca os conselhos dados por uns amigos do Porto que conheceu este ano, ainda em Lisboa. O jovem de 18 anos é da capital mas está de malas e bagagens

45 277 alunos

ingressaram este ano na faculdade, na primeira fase no ensino superior e nos estabelecimentos públicos

aviadas para o Porto, onde uma média de 19,6 valores lhe permitiu ser o segundo melhor aluno a entrar na Faculdade de Arquitectura. E dar-se ao luxo de escolher a universidade em que queria estudar.

"Para já, vou dizer que nem gosto de futebol. E deixar o cachecol em casa. O pior vai mesmo ser o sotaque", diz, entre risos, animado pela perspectiva de uma vida autónoma, longe de casa, e por cumprir um desejo antigo. O apartamento que vai dividir com um amigo lisboeta é junto à Casa da Música e, a uma semana das aulas começarem, ainda está quase vazio. Electricidade, gás, água e contrato, já está tudo tratado. É na montagem dos móveis que Nuno e o pai

Ver crescer a filha à distância através de um computador

Vítor é professor e, até Agosto, vivia em Águeda com a mulher, também professora, e a filha de 21 meses. Este ano lectivo foi colocado nas Caldas da Rainha, a 200 quilómetros de casa. De um dia para o outro, a rotina familiar alterou-se drasticamente

Ana Laura está sentada ao colo do pai, frente ao computador, neste fim de tarde de domingo. Aos 21 meses, balbucia poucas palavras, mas mal ouve o som da ligação do Skype, programa que permite ver e falar através da Internet, é a palavra "pai" que lhe salta imediatamente da boca. Durante a semana, é assim que pai e filha convivem, pois Vítor Januário vive a 200 quilómetros de casa. É professor, tal como a mulher, Susana, e apesar de viver em Águeda, dá aulas nas Caldas da Rainha. Este ano e mais três.

"A primeira coisa que faço quando chego a casa é ligar o computador, para ver se ele lá está", conta Susana, 37 anos. Depois é tempo de dar banho à menina, brincar com ela "enquanto o jantar está no tacho". Rotina que o pai vai acompanhando e ouvindo através da webcam instalada no computador. No quarto alugado nas Caldas da Rainha, assim que está despachado da escola, Vítor acompanha a vida da mulher e da filha através do portátil e da câmara que aí instalou. "Ajuda a atenuar as saudades, parece que estamos ali ao pé, embora ela não goste de estar quieta." O mais assustador, lamenta, "é pensar que vai ser assim durante quatro anos e que não vou assistir ao crescimento da minha filha".

Os dois são professores há mais de quinze anos, mas quase nunca conseguiram ficar colocados perto de casa. São um caso entre o de muitos docentes que andam com a

casa às costas e são obrigados a pegar na mala no início do ano lectivo. Juntos há 13 anos, Vítor e Susana já perderam a conta às casas em que moraram. Sozinhos, juntos, durante a semana ou ao fim-de-semana.

Nos últimos três anos, a situação desta família parecia ter estabilizado. Susana ficou colocada em São João da Madeira, no quadro de zona pedagógica de Douro e Tâmega, e Vítor conseguiu ficar a dar aulas em Albergaria-a-Velha, solicitando destacamento por aproximação à residência. Foi hora de

Concurso de professores alvo de duras críticas

Durante esta legislatura, o Ministério da Educação alterou as regras do concurso dos professores. Assim, em vez de ficarem colocados por três anos numa escola, os professores passaram a permanecer no mesmo local por quatro anos. O argumento foi o da estabilidade do corpo docente e a criação de melhores condições para os professores. Mas o exemplo de Vítor e Susana prova bem que esta melhoria é muito subjectiva. Em pior situação estão os professores contratados, que ainda não estão colocados em nenhum quadro de escola ou de agrupamento e têm de concorrer todos os anos. Os últimos concursos receberam fortes críticas dos sindicatos, que acusaram o Governo de medidas economicistas ao colocar nos quadros apenas 396 professores. Em anos anteriores, eram cerca de três mil para o ano.

deixar a Nazaré para assentar arraiais mais a norte. "Alugámos casa em Mouriscas do Vouga, e como havia perspectivas de a cada ano melhorar a situação, decidimos não adiar mais a decisão de ser pais", conta o professor de português.

Ana Laura cresceu nos primeiros meses com os pais a viver debaixo do mesmo tecto. E em Março, quando correu, Vítor nunca achou que no dia 28 de Agosto pudesse ter uma surpresa tão desagradável. "Foi um balde de água fria. Uma indignação enorme. Até porque o Governo não pára de sublinhar a estabilidade dos concursos por quatro anos. A estabilidade é só para quem está onde quer", diz, discorrendo duras críticas à ministra.

No mesmo dia, foram a correr procurar casa nas Caldas, pois a apresentação na escola estava marcada para o dia 1. Vítor acabou por alugar um quarto, pois a duplicação de despesas não permite pagar duas rendas e suportar a gasolina da ida a casa.

De segunda a sexta, cabe a Susana acordar às 05.45, vestir Ana Laura e levá-la à ama. Só uma rotina tão madrugadora permite estar às 08.30 na sala de aula, pois não há apoio familiar por perto. O regresso ao fim do dia faz-se também em passo rápido, porque depois de tratar da filha, Susana tem de preparar aulas e fazer as tarefas domésticas. Ao fim-de-semana, ficam por casa, pois a prioridade é estarem juntos. "Não há tempo para mais nada. Além de que, com a saída da Nazaré perderam-se ligações e amizades."



Família Januário

Pai
Mãe
Ana Laura, 21 MESES
PROFESSOR, DÁ AULAS A
200 KM DE CASA E SÓ VÊ A
FAMÍLIA AO FIM-DE-SEMANA

Princadeiras em família só ao fim de semana. No resto dos dias é através da Internet.



hoje se empenham, aproveitando o dia que antecede a matrícula para rumar ao Porto, num domingo em que milhares de pessoas encheram as ruas para ver as acrobacias do espectáculo da Red Bull.

"Desde o sétimo ano que quero ir para Arquitectura e sempre pensei vir para o Porto, por saber que é a melhor faculdade", conta Nuno, neto de arquitecto e determinado na sua opção. "Mas confesso que é uma decisão que custa...", admite, pois implica criar uma rotina completamente diferente e deixar para trás a vida pacata do colégio de Cascais. Para que não houvesse dúvidas de que a opção certa passava por aqui, Nuno veio visitar a faculdade, onde ouviu conselhos e explicações de uma antiga aluna. Fez o mesmo nas de Lisboa, onde diz não ter sido tão bem recebido.

"Quando fui à de Lisboa foi o Dia D. Liguei para casa a dizer que me ia embora", conta, recuando ao início do Verão. "Para nós foi o baque e a certeza de que agora é que vai ser", acrescenta Paulo Nascimento, o pai, que sempre incentivou a decisão mas sente agora a ansiedade de ver a opção consumir-se. Mas a decisão estava tomada e depressa a mãe começou a procurar casa na Internet. Na pri-

MAOS A OBRA
NA CASA NOVA,
NA VESPERA DE
ENTRAR NA
FACULDADE

Nuno
e o pai
aprovei-
taram o
domingo
para
montar os
móveis da
casa
alugada
no Porto,
a meias
com um
amigo.
Aulas
só na
segunda



396 professores

ingressaram este ano no quadro, contra os três mil que, em média, têm entrado nos últimos concursos

meira quinzena de Agosto, aproveitando as férias perto do Porto, vieram ver alguns apartamentos e residências de estudantes, ficando a decisão dependente da do amigo de Nuno que entretanto também se aventurou em vir estudar para cá.

Mais do que os custos extras com alojamento, compras da casa, propinas e despesas de material, o "choque é mesmo ver um filho a sair do ninho e ir à vida", confessa o pai, emocionado com o momento. Para a sua gestão financeira, Nuno terá uma verba mensal dos pais, obrigados a cortar nalgumas despesas, como o ginásio, para apostar no futuro do filho. "Terá de prestar contas. E se gastar demais numa semana, terá de compensar na outra. Nunca mimámos os nossos filhos nesse sentido. Eles sabem que as coisas não caem do céu", refere Paulo, engenheiro informático. "E eu, sabendo o investimento que é estar aqui, vou tentar estar à altura e corresponder às expectativas", apressa-se a acrescentar o filho, consciencioso dessa responsabilidade. Boas notas e



contenção de custos é o que se pede.

Nuno deixa para trás Maria, namorada já lá vão três anos, e a quem a entrada na faculdade também iria, inevitavelmente, roubar tempo ao namoro. As saudades dela, de casa, do pai, da mãe, da irmã de 17 anos e do grupo de amigos que já vem de longe serão remediadas ao fim de semana e nas férias. "Sei que o melhor para mim está aqui mas a minha cabeça continuará em Cascais", garante, ajudando o pai a encaixar as peças de uma cadeira comprada no Ikea.

Para se dedicar ao estudo, fazer maquetas, desenhos e projectos, ou ler os livros de arquitectura que já foi recebendo, trouxe o velhinho estirador do avô. Para os momentos lú-

dicos conta com o seu iPod, a televisão para saciar a febre do cinema, a máquina fotográfica, e a guitarra, com a qual vai dando uns toques e até já se aventurou a compor, fazendo justiça à família da mãe, onde todos cantam e tocam bem. As tarefas domésticas não o assustam, garante, nem a partilha do espaço com outra pessoa.

"Não sou comichoso e vou-me desenrascar."

Daqui a cinco anos, se tudo correr bem, terá o mestrado concluído. O risco do desemprego não lhe corta a aspiração a voos mais altos, pois concorda com o pai, confian-

Família Nascimento

Pai

Mãe

Isabel, 17 ANOS

Nuno, 18 ANOS,
ENTROU NA FACULDADE

te que o que hoje está em crise, dentro de cinco anos pode ser uma oportunidade. E se, entretanto não se aventurar num programa Erasmus para Milão ou Barcelona, sonha com os Estados Unidos. Ou até com Tóquio. "Gosto muito da vida lá fora. Também sou fascinado pela tecnologia e pelo mundo do espectáculo",

confessa, com olhar sonhador. O que gostava mesmo, acrescenta, era desenhar cenários e palcos de espectáculos, ou de filmes. Como os que vê, por exemplo, quando vai ao Rock in Rio. ■

Mulheres têm menos filhos do que desejam

Rotinas de quem tem filhos são muito exigentes, ainda mais numa sociedade em que parece cada vez mais difícil conciliar a vida profissional com a familiar

Levar à escola de manhã cedo, buscar a horas ao final da tarde, acompanhar no estudo e ainda ter tempo para brincar com as crianças. Ter filhos implica uma rotina muito exigente para a maioria das famílias portuguesas que, cada vez mais, têm dificuldade em suportar as despesas com a educação das crianças e em conciliar a vida profissional com a rotina familiar.

Por isso, concluiu um estudo da Netsonda publicado este ano, a maioria das mulheres não tem o número de filhos que gostava de ter. Se a média desejada são três ou mais filhos, na prática, as portuguesas têm em média 1,3 filhos.

"As razões económicas são o principal factor para a discrepância entre o que gostavam e o que têm as mulheres portuguesas", diz Ana Cid Gonçalves, secretária-geral da Associação Nacional das Famílias Numerosas (ANFN), citando o estudo da Netsonda.

Temos um abono de família "assistencial e não global" e bens essenciais taxados com impostos altos, considera a responsável da ANFN, que tem reclamado medidas fiscais menos pesadas para os casais com mais filhos. As famílias alegam não ter sequer dinheiro para as despesas básicas como a alimentação e o vestuário, acres-



Ter filhos é missão exigente

UM ANJO AL PIEDA

centa. Além disso, apesar de estarem a ser feitos investimentos nesta área, continua a não haver resposta no sistema público para as crianças em idade de entrar para a creche ou para o pré-escolar.

A dificuldade em conciliar a vida familiar com a vida profissional também é um argumento de peso na hora de decidir ter filhos. Entre as razões que inibem o aumento da família, as mulheres referem, em quarto lugar, o facto de o seu emprego ser tão exigente que não lhes permite ter tempo para dedicar à família.

"Os pais reconhecem que é importante acompanharem os filhos, terem tempo para eles. Muitos vivem angustiados e desgastados com o facto de não conseguirem", acrescenta esta mãe de quatro fi-

lhos. Alguns pais acabam por empurrar as crianças para os avós e estas ressentem-se disso.

"Os filhos percebem quando os pais não podem estar com eles porque não estão para isso e quando são uma prioridade, mesmo que não passem muito tempo com eles", considera Ana Cid Gonçalves, sublinhando que é tudo uma questão de atitude. Além disso, acrescenta, muitos adultos passam tempo de mais no emprego. "A prova está nos nossos níveis de produtividade, que são baixos."

Outro fenómeno recorrente, acrescenta, é o facto de os pais se preocuparem muito com a escola e o desempenho escolar dos filhos e descurarem outras questões, como a sua vida social, que podem ser mais importantes e ter mais impacto no seu bem-estar. O que leva algumas crianças a viver numa solidão enorme. ■



Escola. Como as famílias se adaptam às rotinas do regresso às aulas. **GRANDE REPORTAGEM, págs. 35 a 38**